

PROJETO "ENVELHESER": IMPLICAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MULHERES DA TERCEIRA IDADE

Project "ENVELHESER": implications of gender and race in the construction of identity by women in old age

Iris Sandra Penha Santos de Menezes¹
Issylla Mailla Santos de Lima¹
Ricardo Santos da Silva²
Francisco Ailson Araujo Cavalcante³

RESUMO

O projeto EnvelheSER: implicações de gênero e raça na construção identitária de mulheres da terceira idade surgiu da constatação, por meio de enquete, de que mulheres idosas são invisibilizadas. Esse fato, aliado ao envelhecimento da população e de sua feminilização reafirmaram a necessidade de dar voz a essa parcela da população, contemplando também dois relevantes fatores: gênero e raça. Assim, estabeleceu-se o seguinte objetivo: Entender como se dá a formação de identidade por mulheres idosas negras e não negras, compreendendo se e como gênero e raça interferem nesse processo. Beauvoir (1980), Bourdieu (2010) e Ribeiro (2019) foram as principais referências teóricas para este estudo e o Grupo Focal a técnica de entrevista adotada, por meio da qual foram ouvidas mulheres com idade a partir de 60 anos residentes no bairro Campo Velho, Quixadá. Os resultados obtidos atestam que gênero e raça repercutem de maneira importante na formação de suas identidades. Ocupações historicamente atribuídas às mulheres permanecem sob a sua responsabilidade (cuidar da casa, da família) e quando negras, são mais facilmente ignoradas, julgadas. A formação identitária desse público é ainda influenciada por seu grau de escolaridade: mulheres com

ABSTRACT

The EnvelheSER project: implications of gender and race in the identity construction of elderly women arose from the observation, through a survey, that elderly women are made invisible. This fact, combined with the aging of the population and its feminization, reaffirmed the need to give a voice to this part of the population, also considering two relevant factors: gender and race. Thus, the following objective was established: Understanding how identity formation occurs among black and non-black elderly women, understanding whether and how gender and race interfere in this process. Beauvoir (1980), Bourdieu (2010) and Ribeiro (2019) were the main theoretical references for this study and the Focus Group was the interview technique adopted, through which women aged 60 and over living in the Campo neighborhood were interviewed. Old man, Quixadá. The results obtained attest that gender and race have an important impact on the formation of their identities. Occupations historically attributed to women remain their responsibility (taking care of the home, the family) and when black, they are more easily ignored and judged. The identity formation of this public is also influenced by their level of education: women with a higher level of education feel more empowered at this stage of life.

1. Estudante do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA João Ricardo da Silveira.

2. Mestrando em Filosofia. Professor de Sociologia no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA João Ricardo da Silveira.

3. Especialização em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho. Filosofia Licenciatura no Centro Universitário Católica de Quixadá. Professor de Filosofia no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA João Ricardo da Silveira.

maior nível de escolaridade se sentem mais empoderada nessa fase da vida.

Keywords: Women. Seniors. Gender. Race.

Palavras-chave: Mulheres. Terceira Idade. Gênero. Raça.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um fenômeno que se observa no mundo inteiro. E no Brasil, de acordo com o Censo 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas acima de 60 anos de idade atingiu a quantidade de mais de 32,1 milhões, perfazendo 15,8% do total da população do país. Já em relação à distribuição por sexo, a mesma pesquisa aponta que 8,8% das pessoas idosas com 60 anos ou mais são do sexo feminino (17.887.737), e 7% do sexo masculino (14.225.753), alcançando, portanto, uma diferença de mais de 3,6 milhões em favor do sexo feminino – o que corresponde a, aproximadamente, 2% da população brasileira. Vale ainda destacar que dentre a população idosa, 47,7% é negra.

Portanto, pode-se falar que o país está envelhecendo e em feminilização da velhice. A essas constatações, acrescenta-se uma variável: a cor. Surgem daí 03 (três) importantes categorias a partir das quais se pode adentrar na complexidade de construtos sociais: gênero, idade e raça. Dada a relevância dessa tríade, idealizou-se o Projeto **EnvelheSER: implicações de gênero e raça na formação identitária de mulheres da terceira idade**, com foco na interseccionalidade que atravessa a constituição do EU feminino.

Gênero, diferentemente de sexo biológico, é uma construção histórica e social. Contempla identidades individuais e coletivas e aspectos relacionados à hierarquia. A abordagem de "gênero" se presta à problematização das desigualdades, instigando reflexões a respeito dos modos pelos quais se ensina e aprende as feminilidades e masculinidades. Opõe-se às assimetrias de poder entre mulheres e homens, atestando também a necessidade de desnaturalizar o pensamento patriarcal.

Além de considerações sobre gênero, apresentam-se aqui discussões relacionadas à idade, com destaque para mulheres com idade igual ou superior a 60 anos. Tal como gênero, velhice é uma construção social. O sentido de estar na terceira idade se constrói, modifica e ressignifica ao longo do tempo, de modo diferente nas diferentes sociedades, conforme valores e interesses vigentes.

É uma fase da vida que historicamente, foi (e ainda é) muito invisibilizada ou relacionada à decadência, à inércia, à doença. De maneira geral, todos querem viver muito, mas poucos se sentem motivados a pensar na velhice, a enxergar-se nas pessoas dessa faixa etária. Não é raro encontrar pessoas que resistem à identificação de idosa, de pessoa da terceira idade. A resistência a sentir-se pertencente a esse grupo

populacional não se dá por acaso ou capricho – liga-se ao modo como a sociedade, de maneira geral, concebe o processo de envelhecimento.

Estendendo a discussão para além do binômio mulher-idosa, acrescenta-se a categoria relacionada à cor, sobretudo por se reconhecer que o Brasil é um país racista. Sobre a população negra incide, de maneira indiscutível, significativa opressão, ações e omissões desumanizantes. Tem-se assim, a tríade mulher-idosa-negra/não negra, sobre a qual esta pesquisa se debruça para compreender a formação identitária dessa mulher e a dimensão existencial da velhice.

A busca por tal compreensão é também uma forma de resistência às violências de gênero, idade e cor. Analisar como essas categorias se engendram e moldam a identidade das mulheres idosas negras e não negras a partir de suas próprias vozes propicia a identificação de autênticas percepções de quem ao longo da vida lidou com uma sociedade machista e preconceituosa, (re)configurando seus modos de ser, saber e conviver.

Foi nesse contexto que a população do país envelheceu e feminilizou-se. Essa não pode ser apenas uma constatação alicerçada em números que aí se encerre. É preciso conhecer melhor esse universo e uma das formas de se fazer isso é pela própria ótica da mulher idosa. E se o país tem expressivo contingente de negros, é fundamental refletir também como a cor negra se insere na construção identitária dessas mulheres.

É uma discussão tão ampla quanto complexa. Entretanto, tomar as categorias gênero, idade e raça para análise, independente do alcance desse estudo, já é um passo a se considerar, sobretudo porque muito pouco se tem resguardado em termo de lugar de fala às mulheres idosas negras e não negras.

Vale destacar que o **Projeto EnvelheSER: implicações de gênero e raça na formação identitária de mulheres da terceira idade** nasceu de uma enquete realizada pela própria escola na qual se indagava a alunos e profissionais sobre quais mulheres poderiam ser tomadas como público- alvo de uma pesquisa. Das 57 respostas obtidas, que abrangiam as mais diferentes esferas da vida social, houve apenas uma ocorrência para “mulher idosa”. Daí resultou a opção de se trazer para o centro desta discussão as mulheres mais invisibilizadas, porém, não menos importantes para a compreensão do elemento humano enquanto ser sócio-histórico e cultural.

Tem por objetivo geral entender como se dá a formação de identidade por mulheres idosas negras e não negras, compreendendo se e como gênero e raça interferem no processo de envelhecimento e por objetivos específicos identificar os papéis socialmente atribuídos à mulher ao longo do tempo e os principais desafios à consolidação da equidade de gênero, compreender historicamente como se deram os estudos sobre a

velhice, com destaque para as diferentes concepções sobre processo de envelhecimento numa perspectiva interseccional e identificar processos discriminatórios vivenciados por mulheres idosas negras.

As relações que se estabelecem no seio social são marcadas pelos modos de ser e de conviver legitimados segundo valores vigentes em cada época, local e contexto. Dentre essas relações, destaca-se a de gênero, aqui considerados em especial os universos femininos e masculinos.

Nesse contexto, recorre-se às contribuições de Pierre Bourdieu, que denuncia a dominação masculina como uma forma de **violência simbólica**, "uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento" (Bourdieu, 2010, pp. 07-08), partir da qual se busca naturalizar, legitimar a superioridade masculina, construindo, para tanto, uma cortina por trás da qual se escondem interesses e preconceitos de diferentes ordens.

O sociólogo esclarece também que uma relação desigual de poder contém aceitação dos grupos dominados, ainda que de forma inconsciente, numa submissão denominada "pré-reflexiva".

Cabe destacar que longe de significar uma visão simplista e errônea da expressão, a violência simbólica liga-se ao prestígio e ao reconhecimento da dominação masculina como fato imutável e eterno. Tem efeitos reais, cristaliza estereótipos e traz implicações importantes para dominador e dominada, determinando suas percepções de si e do outro. Tudo em nome de uma pretensa ordem social!

A desigualdade arbitrária entre mulheres e homens também foi estudada por Simone de Beauvoir (1980), que reconhece a inferiorização das mulheres como produto não de questões relacionadas à natureza, mas sim como uma construção social. Ao analisar as mulheres e o casamento, por exemplo, enfatiza que [...] "Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais." (Beauvoir, 1980, p. 67)

A mesma autora, feminista, ocupou-se ainda de uma temática cara a esse estudo: a velhice. Seu livro *A velhice*, publicado em 1970, é considerado a obra mais importante do mundo sobre esse assunto. Nela, Beauvoir (1990) justifica que a negação da velhice se dá em razão do culto à juventude, que potencializa valores de produtividade e vigor.

A escritora traz relevantes contribuições também para o enfrentamento da desumanização da velhice: "Como deveria ser uma sociedade, para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem? A

resposta é simples: seria preciso que ele fosse sempre tratado como um homem (Beauvoir, 1990, pp. 663-664). Interessante acrescentar outra afirmação de Beauvoir, citada por Ribeiro (2019, p. 11): "Não há crime maior do que destituir um ser humano de sua própria humanidade, reduzindo-o à condição de objeto."

Associando esse pensamento especificamente às mulheres idosas, é possível dizer que sentir-se respeitada, continuar a vida impregnando-lhe de sentido daria (e dá) um significado positivo à terceira idade. Afinal, essa fase da vida não é necessariamente de abandono e dor. É preciso continuar tratando as mulheres idosas como mulheres, que para muito além do que seus corpos representam, são dotadas de direitos, desejos, voz, sonhos e humanidade.

Contudo, é necessário também destacar a possibilidade de discriminação no caso em que mulheres idosas são negras. Ribeiro (2019) assevera que "[...] o problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir" (p. 13).

Longe de romantizar os desafios próprios da terceira idade, a tríade mulher-idosa-negra pode implicar uma vivência digna, saudável, alegre. Para tanto, é urgente desnaturalizar silêncios e desconstruir paradigmas. A dominação masculina, o mito da democracia racial e a invisibilização da velhice não cabem em uma sociedade que se identifica como promotora da equidade. Portanto, fatores de mudança precisam ser fortalecidos.

2 METODOLOGIA

Em fevereiro de 2024, realizou-se uma enquete no CEJA a fim de obter sugestões sobre mulheres que poderiam ser o foco de uma pesquisa. Foram obtidas 57 respostas com a participação de alunos, professores e funcionários. Foram mencionadas cantoras, políticas, atrizes, autoras, professoras e tantas outras mulheres. No entanto, houve apenas uma indicação para "mulheres idosas". Decidiu-se então priorizar este grupo, tirando-o da invisibilidade.

Feito esse recorte, acrescentou-se outro aspecto a ser investigado: a cor. Assim, a formação identitária de mulheres idosas negras e não negras foi definida como foco da presente pesquisa, com ênfase no público residente no bairro Campo Velho onde se situa a escola.

Posteriormente, formou-se um grupo de estudos, a quem coube identificar obras que tratassem dessa temática. Formado o acervo bibliográfico de referência para a pesquisa, iniciaram-se os estudos bibliográficos sobre processo de envelhecimento, gênero e raça. Identificou-se também a necessidade de aprofundar conhecimentos sobre a pesquisa científica em si, sobretudo no que se refere ao método

científico e à estruturação de uma pesquisa. Para qualificar esses aspectos, firmou-se parceria com a Universidade Estadual do Ceará – UECE/FECLESC, campus Quixadá, que promoveu no CEJA, várias oficinas nessa perspectiva. Ampliando o campo de atuação da referida Universidade, também foi realizada Roda de Conversa sobre equidade de gênero e proteção às mulheres – tema norteador do Ceará Científico 2024.

Na perspectiva de tornar mais amplas as discussões sobre a pessoa idosa, realizou-se formalmente a abertura do mês JUNHO VIOLETA, período voltado à conscientização e combate às violências praticadas contra a pessoa idosa. Na ocasião, após vídeo de sensibilização, foram detalhados os tipos de violência mais recorrentemente praticados contra essa parcela da população: física, psicológica, financeira, patrimonial, institucional, negligência e abandono, etc.

Complementando a exposição, foi realizada uma palestra em parceria com o PROCON (UniCatólica e Câmara Municipal de Quixadá) e Defensoria Pública voltada à violência financeira que com frequência vitima a pessoa idosa. Na ocasião, foram dados detalhes desse tipo de violência e também as formas de impedir, combater e denunciar tal prática.

Por diversas vezes foram realizados os grupos de estudo, organizados sob a orientação dos professores, especialmente com a leitura e discussão de parte da obra "A Velhice", do "Pequeno Manual Antirracista" e do livro "Dominação Masculina".

Em relação aos aspectos metodológicos, convém destacar a realização de 03 encontros de Grupo Focal com as mulheres idosas do bairro Campo Velho. O Grupo Focal, segundo Backes *et al.* (2011) "[...] representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico" (p. 438), sendo portanto adequada este trabalho, de abordagem qualitativa. Os mesmos autores afirmam ainda que "o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados" (p. 439).

Os resultados alcançados validaram a pertinência da opção pelo Grupo Focal, uma vez que essa técnica permitiu alcançar os objetivos, responder questões, trazendo à tona realidades até então desconhecidas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O intuito de compreender como gênero e raça impactam na formação identitária de mulheres da terceira idade residentes no bairro Campo Velho orientou todas as etapas da presente investigação.

Interessa aqui entender essa realidade pela ótica de quem vivencia o processo de envelhecimento e para tanto, formou-se um grupo focal, compostos por 06 mulheres, com idades entre 62 a 87 anos. Destas, 50% se consideram pardas, 33,3% brancas e 16,7% negras.

Após a acolhida, um dos primeiros questionamentos apresentados pelo moderador fazia referência a como se percebem ao alcançarem a idade que possuem. Nos comentários das entrevistadas, identificou-se que para algumas delas estar nessa fase da vida é gratificante, rechaçando a concepção historicamente difundida sobre velhice: *"Envelhecer não é doença. É experiência de vida"*. Por outro lado, algumas expressaram sentimentos mistos em relação ao envelhecimento, como: *"Não me vejo ou não me aceito como mulher idosa"*, relacionando essa autopercepção à possibilidade de depender dos outros, à incerteza do futuro. Tem-se aí duas antagônicas percepções sobre a velhice: a satisfação pelo acúmulo de experiência, mas também a sua negação, que remete às contribuições de Beauvoir sobre a valorização social da juventude, vigor e produtividade.

Quando comparados os processos de envelhecimento de hoje e o de épocas passadas, as mulheres de forma unânime, consideram que envelhecer se tornou mais fácil, principalmente porque hoje há mais acesso aos serviços de saúde e aos recursos provenientes da aposentadoria, o que em linhas gerais, significa melhoria das condições de vida.

Ao falarem sobre a forma como vivem enquanto pessoas idosas, as entrevistadas apresentam considerações bem variadas, que vão das possibilidades às limitações da idade. Algumas se sentem capazes de fazer tudo, tomar suas próprias decisões. Outras, destacam restrições por motivos de saúde, escolha pessoal ou outras prioridades. Também compartilham que sua maior razão de viver é a própria vida, o fato de estar viva e com saúde, perpassando pela dimensão da fé e da liberdade.

Ocupam-se predominantemente, dos cuidados com a casa e a família. Se em outros tempos esses eram seus principais papéis, ao chegarem a terceira idade, essas responsabilidades continuam sendo suas, o que de certo, priva-lhes de viver seus próprios sonhos, dedicar-se a alguma atividade prazerosa. E aí, vê-se a influência do gênero: enquanto os homens idosos saem mais constantemente de casa para ocupar-se do que lhes agrada, mulher continua confinada ao espaço doméstico, onde tem conhecidas tarefas a desempenhar.

Tal constatação é ratificada pelas declarações feitas no grupo focal: essas mulheres têm restrita circulação social; saem de casa praticamente apenas para ir à igreja, ao templo. No grupo, há evangélicas, católicas e espíritas e todas elas afirmam ser esses os locais que acessam. Essa realidade converge com as ideias de um mundo pensado pelos homens e para os homens.

Já em relação à cor, todas consideram que mulheres idosas negras são mais facilmente discriminadas. Esclarecem que já presenciaram situação de preconceito e asseguram que a (relativa) liberdade que possuem não seria possível se fossem negras. Interessa destacar que apenas 01 idosa se reconheceu negra; outra, de pele escura, disse ser descendentes de negros, mas é "morena". Essa negação pode de alguma forma estar relacionada ao racismo estrutural vigente no Brasil, como denuncia Ribeiro (2019).

Foi revelador perceber que a mulher do grupo focal que se identifica não é alfabetizada e é a que considera que nessa fase da vida, é preciso considerar a idade para não ousar ou desejar certas liberdades: "*Na nossa idade, não podemos pensar em namorar.*" A construção social sobre a velhice e a dominação masculina concretizada pela violência simbólica de que fala Bourdieu se manifesta em identidades assim concebidas.

No entanto, também verificou-se que a mulher idosa que se sente mais empoderada, inclusive afirmando que "*Não me troco por nenhuma dessas jovens de 29 anos; sou uma pessoa ativa*", é a única que possui Ensino Médio completo, revelando uma outra vertente para a pesquisa: a escolaridade.

Portanto, a formação identitária de mulheres da terceira idade é influenciada por gênero, raça e também, escolaridade. Essa constatação torna ainda mais urgente a promoção da equidade social, educacional, enfim, a promoção que faça surgir a justiça social para que as jovens de hoje vivenciem a terceira idade de maneira plena, com a valorização do seu SER.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e de Djamila Ribeiro mostram-se críticas ao instigar a desconstrução de opressões simbólicas e estruturais que moldam as experiências das mulheres. A interseccionalidade de gênero, raça e idade, destacada no projeto, reflete a necessidade de abordar de forma mais específica as mulheres idosas negras, que enfrentam várias formas de discriminação. O reconhecimento dessas mulheres, que resistem em uma sociedade que muitas vezes as invisibiliza, é crucial para promover uma compreensão mais profunda sobre a velhice.

O Projeto EnvelheSER proporciona uma oportunidade ímpar de ouvir essas mulheres, buscando identificar em cada relato, em cada fala como pessoas da terceira idade se veem, vivem e concebem as relações sociais que estabelecem nos restritos espaços por onde circulam.

Ao busca compreender o SER dessas mulheres, obtém-se também a compreensão das bases em que se firma a sociedade, dos seus valores, que tanto podem potencializar o empoderamento feminino e a vivência respeitosa da terceira idade quanto comprometê-la. Por isso, é fundamental promover a equidade de gênero e raça em todas as fases da vida.

REFERÊNCIAS

BACKES, Dirce Stein *et al.* **Grupo Focal como técnica de coleta e análise de dados.** Disponível em: https://bvs.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf. Acesso em 15 abr. 2024.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos;** tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.